

Ficção e verdade em *A rainha dos cárceres da Grécia*

Adriana de F. B. Araújo (Pesquisadora – UnB)

Devo admitir, logo de saída, que esta minha comunicação saiu algo diferente da proposta inicial de seu resumo. Já se entrevê a diferença desde o título deste trabalho, que passo a explicar. De modo apenas preliminar, tratei aqui do nó apertado que há entre ficção e verdade naquele que foi o último romance publicado em vida pelo escritor pernambucano, Osman Lins. Autor cuja obra se ocupa o Grupo de Pesquisa “Estudos Osmanianos: arquivo, obra e campo literário” que ambas integramos, liderado pela professora Elizabeth Hazin.

A questão que proponho investigar aparece já nas primeiras informações que alguém possa tirar de apenas ter o livro entre suas mãos: a visão de sua capa e a abertura em sua primeira página. Uso a primeira edição do livro, de 1976, e nela todos podem ver que na parte de cima da capa há o título: *A rainha dos cárceres da Grécia* e na de baixo a palavra *romance*. Como se sabe, compõem o horizonte de expectativa do leitor de ficção, o encontro com personagens e com um espaço e um tempo que o leitor procurará imaginar e compreender pelo discurso que conta a história. Mas, o início do texto mostra uma data, 26 de abril de 1974, sob a qual lemos:

Muitas vezes, durante o último ano, tão penoso e vazio, mencionei aqui a intenção de ocupar as horas vagas, dar-lhes sentido talvez, escrevendo o que Julia – Julia Marquezin Enone – sempre discreta em relação a si mesma, me contou de sua vida, o que testemunhei e o que depois pude saber. ... Sim, muito eu teria a dizer quanto a seu modo negligente e

desamparado de ser, através do qual parecia indicar que se sentia frágil e que, por essa razão mesma, não se resguardava. Hesito, limitando-me a esboçar, sem plano, algum breve comentário a propósito de nossa convivência. Nos últimos dias, entretanto, uma idéia vaga e que não quero ainda registrar, começa a rondar-me. (Lins, 1976, p. 1)

Pelo tipo de discurso pessoal saído do comezinho e do cotidiano, mas que também sabe mover o desejo do leitor pela fome do que acontecerá depois, percebemos que deparamos um diário íntimo. Gênero aparentemente não ficcional, em que uma pessoa relata dia a dia o que bem entender, geralmente suas experiências, opiniões e desejos. Os indícios de veracidade, típicos da tradição literária realista, aparecem, por exemplo, na presença dos seguintes termos e expressões: o que ela me contou, testemunhei, esboço sem plano, breve comentário, nossa convivência.

Até aí nada de novo. O relato complica sua existência linha após linha à medida que vamos desvendando ser este personagem um professor de biologia, amante e profundo conhecedor da cultura letrada, que se confessa “privado, apesar da atração que sobre mim exerce o novelesco, da habilidade e da energia indispensáveis à arte de narrar” (Lins, 1976, p. 2). Por causa dessa sua inabilidade confessa, decide-se então por tomar notas nesse seu diário, o leitor atento observará ter este diário sido iniciado *in media res*, para a composição de um futuro ensaio sobre o romance inédito intitulado *A rainha dos cárceres da Grécia* de sua saudosa companheira, Júlia. Temos que não deixar escapar da nossa mente que tanto esse futuro ensaio quanto o romance manuscrito de Júlia são elementos ficcionais dentro da narrativa.

Ou seja: o único *A rainha dos cárceres da Grécia* é este livro que tocamos, cujo gênero romanesco é constitutivo de sua identidade. Portanto romance, não diário, não ensaio.

José Paulo Paes, um dos críticos mais lúcidos da obra de Osman Lins, escreve em “O mundo sem aspas”¹ sobre essas duplicações especulares e de como elas, em refinadíssimos jogos discursivos, constróem um louvor a arte do romance. Pois, ainda segundo Paes, é o livro “não um ensaio que conta o romance mas um romance que se conta a si próprio sob a forma do ensaio” (Paes, 2004, p. 297).

Um tom de ironia em relação aos discursos acadêmicos ronda todo o texto, na descrição do passo a passo da elaboração da leitura crítica e criativa do personagem que desmonta e areja a crosta fossilizada dos chavões acadêmicos. Nosso, por assim dizer, antinarrador, modesto professor de biologia do que seria hoje o ensino fundamental, revela desejar escrever “sem plano”, como a dizer que relata o processo de sua leitura à medida em que ela vai se concretizando, ali no passo mesmo em que a acompanhamos cronologicamente pela marcação dos dias no diário, como a negar qualquer artifício narrativo. E diz mais, admite escrever a crítica sobre o romance de Júlia para lembrar a obra daquela que amou e ainda ama, “há de transparecer em certas páginas – talvez mesmo em todas –, o meu amor” (Lins, 1976, p. 7). Tudo se complica quando todas as personagens tanto de um livro quanto do outro, vão se aproximando a ponto de todos se tornarem um só – um espatalho.

A rigor, só há um personagem, o narrador, exatamente aquele que se constrói como nem uma coisa nem outra. Somos

¹ PAES, José paulo. O mundo sem aspas. In: ALMEIDA, Hugo. *O sopro na argila*. São Paulo: Nankim Editorial, 2004. p. 293-300.

magistralmente enganados pelo que ele diz que nega em sua forma o que está dito em seu discurso. Mas, como era de se esperar nada é tão simples assim. Assim como o professor, narrador que finge não estar apto para narrar, também sua personagem Júlia, a escritora não está disposta a render-se aos falsos brilhantes do mundo literário. Num dos papéis deseju arquivo, o narrador lê uma espécie de prece a Lima Barreto:

“Santo Afonso Henriques! Fazei de mim uma escritora. Mas só isto. Nada de festivais, de júris em concursos (de beleza ou literários), de cargos em repartições chamadas culturais, capelas, de frases de espírito. Livrai-me do fascínio que tantos dos nossos autores, hoje, têm pelo convívio com os ricos, pela adoção obrigatória de livros seus na área estudantil, pelas viagens com passagens e hotel pagos. Fazei-me orgulhosa da minha condição de pária e severa no meu obscuro trabalho de escrever.” (Dos papéis de J.M.E.) (Lins, 1976, p. 46)

Portanto temos *grosso modo*: a relação entre um narrador disfarçado de leitor crítico despretensioso e uma personagem disfarçada de escritora despretensiosa. Hemenegildo Bastos a partir de seus já clássicos estudos sobre Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Juan Rulfo, define como um dos traços fundamentais da literatura brasileira a relação entre o narrador letrado e a personagem iletrada, ou seja a contraposição intelectual – povo. Não será outro o tema de *A rainha dos cárceres da Grécia*, atenção peço exatamente para a forma em que está representada no romance essa relação. Construído mesmo por verdades que escondem fundos falsos, o romance estabelece uma relação

narrador – personagem que pensa as distâncias intelectual – povo em níveis insuspeitos. Não no livro descrito no livro, mas no livro que efetivamente lemos há um narrador que é leitor e uma personagem que é escritora.

O refinamento dessa contrução atinge o ápice quando todos os tradicionais problemas relacionados ao tema intelectual – povo estudados a partir por exemplo de escritores como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa serão temas da análise do narrador leitor por serem figurados no livro da personagem escritora e assim motivos de análise do professor. Ou seja: o nosso mundo real acadêmico está figurado em *A rainha dos cárceres da Grécia* como matéria de ficção. Ora, quando digo real acadêmico sei que muitos sérios estudantes e professores podem estar torcendo o nariz ou balançando negativamente a cabeça ou os pés, mas vejamos um pouco mais de perto.

A verdade acadêmica, na falta de melhores palavras, admito, expressa nas opiniões críticas deste personagem inominado de Osman Lins merecem um estudo mais aprofundado, claro está serem matéria de um romance, mas resta a dúvida serão ficção? Logo respondo: claro! Mas a relação dessa ficção com nossa vida acadêmica é por outro lado (talvez o mesmo) absurdamente real. Abaixo transcrevo uma passagem da análise sobre a questão da mediação em que podemos perceber a verdade a que me refiro:

Aparece no livro de Julia M. Enone o sistema previdenciário, quando os jornais estão cheios de cartas e mesmo reportagens apontando os erros desse órgão. Compõe Graciliano Ramos um romance sobre os flagelados das secas. Por quê? O assunto é tão antigo e divulgado! O modo como se escreveu, a construção artística, eis a razão de sua obra

literária e a sua identidade. Isso é tudo? Não creio. Quando o narrador, no variado mundo, elege seus temas define uma atitude e não só em relação à vida: também diante da literatura. Diz, com a sua opção, até que ponto, comprometido *com a nomeação das coisas*, é também comprometido *com as coisas nomeadas* e qual o gênero deste compromisso. Os que fogem da seca (o artista não abrange todas as significações do que cria), são, à revelia dele, o homem evitando o inferno ou o destino, lutando por compreender, tudo isso – e muito mais – são os que fogem da seca e disto não podem fugir.

Assim, por mais que o tema de um livro e os conceitos que abrigue constituam o lado vil da literatura, tão incômodo, estarei, se os ignoro, estarei abrigando-me numa atitude evasiva. (...) *A rainha dos cárceres da Grécia*, visto de um modo transcendental, evoca as buscas do homem – a da salvação?, a do destino?, a da compreensão? – ou todas. Guardemo-nos, porém, amigos, da transcendência e das suas seduções. Ela pode embotar a acuidade ao circunstancial e há diferenças entre a peregrinação de Enéias (ou a do baleeiro Ahab) e a de Maria de França. Não podemos esquecer as limitações do seu desejo – raso, tacanho – e a natureza das forças que a ele se opõem. (Lins, 1976, p, 57-8)

Entre os muitos comentários que poderíamos fazer, fico aqui com apenas um: a transcendência embota a acuidade ao circunstancial. Não podemos esquecer os desejos dos personagens e a que se opõem. Não estarei errada em dizer que aí está uma poética que vai no âmago de nossos mais terríveis e cruentos embates acadêmicos:

a própria questão da representação e da relação entre arte e vida e suas conseqüências éticas e políticas.

Este nível do texto, o que estou chamando aqui, sei que a expressão não é boa, de real acadêmico, é o complicador de tudo. O modesto professor, não acadêmico, não titulado, não requisitado, não atuante, não admirado, não imitado, não premiado lança mão de um vasto e arejado conhecimento literário. Opina, de modo original e seguro, sobre obras primas da literatura brasileira e mundial, assim como discorre sobre temas tradicionais e contemporâneos da teoria da literatura, citando desembaraçadamente autores e teorias tanto próximas quanto remotas. A bagaceira que este repertório usado como matéria ficcional cria causa tanta confusão a ponto de grande parte das leituras críticas do romance ficarem presas da discussão desse conhecimento tão para nós real do literário que o risco sempre muito próximo de repetir o texto na interpretação alcança níveis surpreendentes em muitas dissertações e teses.

Por outro lado, a brincadeira de teoria da literatura não deixa de ser envenenada pela presença de referências falsas. Paes desmente algumas delas como a referência a uma lingüista Dora Paulo Paes e uma socióloga Cesarina Lacerda, para citar apenas duas.

No livro que temos em mãos, o verdadeiro (singular ironia) *A rainha dos cárceres da Grécia* a relação narrador-personagem se desloca para uma entre narrador disfarçado de crítico e uma personagem disfarçada de escritora, o que desloca profundamente as configurações narrativas de base realista. E esse deslocamento, ao contrário do que a maioria da crítica do romance aponta, não

vai na direção da metalinguagem intransitiva, ela vai em direção à história e à vida.

Tese recentemente defendida no Tel, no âmbito da produção crítica do Grupo Literatura e Modernidade periférica, liderado pelo Professor, a quem muito devo, Hermenegildo Bastos, defende uma posição sobre o romance que pega uma contramão desse veio crítico. Refiro-me ao excelente trabalho da professora do Tel, Deane Costa², que insere o romance de Osman numa tradição de leitura dialética da literatura brasileira, advinda de Antonio Candido, ao se embater com esta certa crítica que encapsula essa obra tão aberta no recinto fechado da autoreferencialidade como conceito primordial dos experimentalismos formais da metalinguagem.

Bom, dito isso concluo com uma pergunta e uma citação do livro que guarda ainda mais outra. O transporte da questão para o terreno da relação narrador crítico - personagem escritora, relação essa de amor e que também reverbera a relação com o outro de classe, afinal o professor e Julia não vinham do mesmo lugar social (Júlia vai morar com ele, por não ter onde ficar), enfim essa transferência do personagem para o escritor, ao final do romance todos os discursos são um só, traz que informação para o debate elite – povo na nossa literatura? Salvar-se pela escrita, mas não só a si, também o outro mais fraco, mais pobre, morto e inédito?

1º. de fevereiro

Todas as manhãs, no seu quintal, hoje, integrado no terreno sobre o qual se ergue, inacabada, a estrutura de um alto edifício, o velho alimentava seus pássaros, regava as flores,

² COSTA, Deane M. F. de. *O nervo exposto da literatura: a representação da condição de escritor periférico em A rainha dos cárceres da Grécia, de Osman Lins*. Tese (Doutora em Literatura) Tel – UnB, Brasília, 2004.

desaparecia entre as árvores, reaparecia. Não é raro levantar-me desta mesa e contemplar fixamente o ponto de onde ele foi varrido. Volto a sentar-me com uma vaga impressão de ameaça e vejo as páginas manuscritas de Julia como se elas me salvassem. Mas de quê? (Lins, 1976, p. 99)